19º Encontro Conversando sobre Extensão (CONEX) e 4º EAEX - Encontro Anual de Extensão (EAEX)

Resumo Expandido Modalidade A: "Apresentação de programas, projetos, ações, atividades e pesquisas advindas da extensão universitária"

ÁREA TEMÁTICA: (marque a área temática correspondente ao trabalho que foi indicado no momento da inscrição)

( ) COMUNICAÇÃO

(X) CULTURA

( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

( ) EDUCAÇÃO

( ) MEIO AMBIENTE

( ) SAÚDE

(x) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

( ) TRABALHO

APOIO À PRODUÇÃO ACADÊMICA E LITERÁRIA DE PESQUISADORES/AS E ESCRITORES/AS INDÍGENAS NO COLETIVO DE ESTUDOS E AÇÕES INDÍGENAS (CEAI)

Camila Aparecida de Castro[1]

Emily Oliveira Lazarini[2]

Letícia Fraga[3]

Resumo: Uma das principais características dos povos originários é a tradição da oralidade. A internet, cada vez mais acessível, possibilitou o surgimento de novos gêneros textuais, escritos e orais, tornando-se uma ferramenta para aqueles sem espaço em publicações convencionais. Ao se apropriar da escrita para propagar seus conhecimentos, antes passados apenas pela oralidade, a produção de autores indígenas tem um maior alcance. O presente trabalho, ligado ao projeto de extensão "Saberes Outros", ao qual o Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI) é vinculado, mostra como parte do coletivo tem se dedicado a realizar um importante trabalho de coletar textos publicados nas redes sociais, organizando-os e editando-os, de forma a possibilitar o uso dos mesmos para a produções acadêmicas e de livros que vão compor a Coleção Retomadas, projeto organizado pelo coletivo, sem fins lucrativos, que consiste no incentivo, na produção e na publicação de obras de autores indígenas.

Palavras-chave: Oralidade. Povos Indígenas. Coleção Retomadas. Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI).

[1] Membro de execução de projeto de extensão; UEPG; Letras; camilaapcastrocastro@gmail.com

[2] Membro de execução de projeto de extensão; UEPG; Letras; eoliverlazarini@hotmail.com

[3] Coordenadora de projeto de extensão; UEPG; DEEL; leticiafraga@gmail.com

NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: Estudos e ações indígenas 2ª edição.

PÚBLICO-ALVO

Professores indígenas e não indígenas, em formação inicial ou continuada das escolas participantes. De forma indireta, alunos das escolas indígenas e não indígenas participantes.

MUNICÍPIOS ATINGIDOS

Município de Ponta Grossa e outros municípios em que haja terras indígenas (Mangueirinha, Cândido de Abreu, Ortigueira etc.).

LOCAL DE EXECUÇÃO

Ponta Grossa, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica pelo fato de que, ainda atualmente, a versão "oficial" da história do Brasil e da América Latina, que prevalece em livros didáticos, é contada a partir do ponto de vista do colonizador. Diferentemente da ideologia que se tentou implantar no México, de que todos são mestiços, "no Brasil, a política de genocídio dos povos indígenas, aliada à política de branqueamento da população afrodescendente gerou uma outra narrativa nacional, na tentativa de se forjar a imagem de um país que se queria (ou que alguém queria) "todo branco e católico", ideologia essa até hoje muito presente e no imaginário" (GOMES, 2012, p. 10). Dessa forma, a presença indígena na história do nosso país é relegada à época do descobrimento e invisibilizada nos dias atuais, o que inclui a invisibilidade da cultura indígena, concebida como "outra cultura", que mesmo sendo considerada outra, quando conhecida, "revela muito sobre a 'nossa cultura'", as quais estão em constante interação, razão pela qual, segundo "Raimon Panikkar [...] seria o único modo de conhecer as culturas [realizando] um diálogo intercultural" (apud GOMES, 2012, p. 12, grifos da autora).

Em termos de políticas linguístico-educacionais, as voltadas às comunidades de línguas/culturas minoritárias alternaram "momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas" (CAVALCANTI, 1999, p. 4). No século XVIII, por exemplo, o Marquês de Pombal, através do Diretório dos Índios (1758), estabeleceu que a única língua que podia ser falada era o português. Na sequência, o processo de imposição da língua portuguesa como única foi ratificado pela chamada política de nacionalização do ensino, implementada a partir de 1938, pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que fechou escolas e proibiu o uso de línguas indígenas bem como das línguas de imigrantes, principalmente alemão e italiano.

Como resultado desses processos, a língua portuguesa e a cultura eurocêntrica substituíram as outras línguas que eram faladas e culturas presentes no país por força de lei e também "de mecanismos sociais que ganharam força com a evolução dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, consequentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos" (CAVALCANTI, 1999, p. 6). Desse modo, justificamos este projeto considerando a importância de, a partir da realização de um levantamento do que se tem feito (que ainda é desconhecido) em termos de políticas linguístico-educacionais, no que diz respeito a pedagogias "outras", que tratam de línguas e culturas minoritárias aqui presentes a partir de um referencial teórico que se sustenta nos trabalhos de intelectuais indígenas, como Inácio (2010) e Benites (2012), sendo que a primeira trata da pedagogia Kaingang e o segundo, da pedagogia Guarani.

OBJETIVOS

- Realizar a coleta dos textos de pesquisadores/as e escritores/as indígenas publicados em redes sociais.
- Fazer a adequação dos textos das redes sociais para trabalhos acadêmicos e para obra a ser publicada na Coleção Retomadas, considerando o público-alvo dos materiais.

METODOLOGIA

Para a realização deste projeto foram coletados os textos e imagens da publicação na rede social. (Figura I)

Em seguida a imagem foi anexada ao arquivo, enumerado, com data original da postagem (Figura II).

Após, inseriu-se o texto coletado realizando os ajustes necessários a escrita e formatação do texto para ser usado em produção acadêmicas e literárias que comporão a Coleção Retomadas.

RESULTADOS

Os povos originários têm como característica a tradição da oralidade. Ao passar da oralidade para escrita, a Literatura Indígena Brasileira, que teve início com professores de aldeias, passa, de acordo com Yamã (2000), a ser uma literatura sofisticada, apurada e rentável no mercado literário nacional, em proporções inimagináveis, já que era tida como uma literatura inexistente e com autores que nunca se destacariam no cenário nacional e internacional. A internet, cada vez mais acessível possibilitou o surgimento de novos gêneros textuais, tornando-se uma ferramenta para aqueles sem espaço em grandes publicações. Ao transformar fala em texto transportam a tradição oral para as mídias sociais indo de encontro com a definição de Hilgert (2000). Ao contrapor fala e escrita ao discutir as estratégias de construção do texto da conversação na internet (CINT), o autor define teoricamente a fala e a escrita como "práticas sociais geradoras de textos falados e escritos, cujas realizações prototípicas constituem os polos de um continuum, no qual se situam todos os gêneros de textos produzidos" (HILGERT, 2000, p. 2).

Para Daniel Munduruku (2017), a memória é uma pedra basilar da cultura indígena, pois compõe a alteridade e o motivo para a (re)afirmação do ser indígena perante ao preconceito de outros grupos social, política, cultural e economicamente hegemônicos. Essa memória acrescida da tradição é transmitida de forma oral de geração em geração. Ao se tornar texto, buscam trazer a memória ancestral ao impresso, sua resistência, identidade e luta via literatura. Retratados de diversas formas, como enfatizado por Dorrico (2017) "às vezes reelaboram e transformam um ser de algum mito (ou das histórias antigas) em um personagem de ficção, inaugurando a ficção indígena; às vezes narram um mito como forma de dar-se a conhecer a origem do mundo de seu povo, as práticas cotidianas ou os seus rituais mais intermitentes" (DORRICO, 2017, p. 111).

As obras de produção indígena estão construídas na diversidade cultural de suas nações, chamando os não indígenas a escutar seus saberes, mundos, práticas e vivência de seus povos. Seus textos não se reduzem ao texto pelo texto.

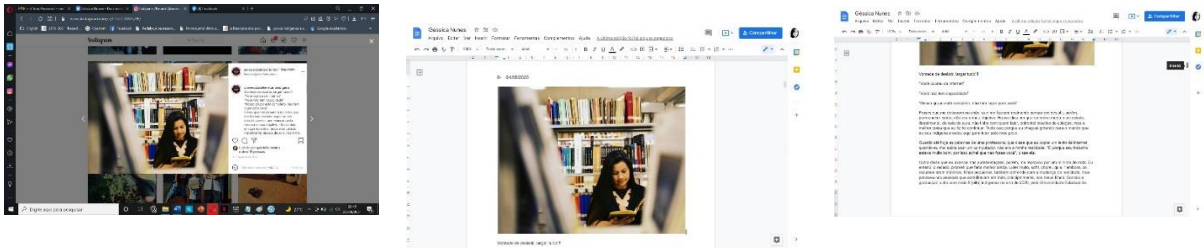
Ao se apropriar da escrita para propagar seus conhecimentos, antes passados apenas pela oralidade, a produção de autores indígenas tem um maior alcance. Todavia a falta de espaço para suas produções e o crescimento do acesso à tecnologia e internet, possibilitam o uso de outras ferramentas, como as redes sociais, para dar voz e espaço aos que ainda não têm acesso a grandes editoras.

Perante as contatações acima, o presente trabalho refere-se a uma ação de projeto de extensão, vinculada ao Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI), por meio da qual se realizou um importante trabalho de coletar textos de pesquisadores/as e escritores/as indígenas publicados nas redes, organizando-os e editando-os, de forma a possibilitar o uso dos mesmos em produção acadêmicas e literárias que comporão a Coleção Retomadas. Essa coleção tem o objetivo de produzir livros de autoria indígena, numa parceria Editora da UEPG e PROEX, de forma totalmente gratuita, sem fins lucrativos, com tiragem no formato impresso e ebook, que se volta à publicação de autores(as) indígenas do Paraná e de todo o território brasileiro inicialmente, bem como à distribuição das obras. Nosso trabalho de apoio à Coleção Retomada possibilitará que as lutas, tradições e ancestralidade indígenas se perpetuem e atinjam um grande número de leitores indígenas e não indígenas, dando espaço aos que por tanto tempo foram silenciados, preservando sua memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apoio oferecido para os/as pesquisadores/as e escritores/as indígenas através de projetos como os de extensão nas universidades colaboram para que suas vozes alcancem o mundo, apesar das limitações impostas pela sociedade ao longo dos anos, desde o princípio da história do Brasil Colônia. Além disso, contribui para a formação de estudantes mais conscientes e engajados no processo de colaboração com ações de movimentos indígenas, ao se tornarem instrumentos para realizações acadêmicas ou pessoais de indígenas, que contribuirão e refletirão positivamente em suas carreiras e comunidades.

Figura I – Processo de levantamento e tratamento de texto



Fonte: As autoras

REFERÊNCIAS

BENITES, T. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá impactos e interpretações indígenas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. v. 500. 120p.

CAVALCANTI, Marilda C. Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of linguistic minorities.**DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar 2007.

DORRICO, Julie. A Leitura da Literatura Indígena: Para Uma Cartografia Contemporânea. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade-Igarapé**, v. 5, n. 2, p. 107-137, 2017.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Prólogo. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela.**Povos indígenas e escolarização: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas**. Rio de janeiro: Garamond, 2012.

HILGERT, José Gaston. **A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet. Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, p. 17-55, 2000.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando II**: roda de conversa com educadores. Lorena: UK'A Editorial, 2017.

YAMÃ, Ozias Yguarê. **Literatura indígenas brasileira e seus autores**. Disponível em:< http://yaguareh.blogspot.com/p/lista-de-escritores-indigenas.html> Acesso em: 24 março 2020.